

MODO DE VIDA E TERRITORIALIDADES NA COMUNIDADE PESQUEIRA DE ACHADA PONTA - SANTA CRUZ (CABO VERDE)

Henrique da Luz Silva Monteiro
Licenciado em Geografia e Ordenamento do Território pela Universidade de Cabo Verde (UNICV) e Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Pará (PPGEO/UFPA).
E-mail: monteirohenrique6@gmail.com

Christian Nunes da Silva
Pós-Doutor em Desenvolvimento Regional no PPGMDR/UNIFAP. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará. Pesquisador do GAPTA/CNPq. Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia (PPGEDAM/UFPA). Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.
E-mail: cnsgeo@yahoo.com.br

Cristiano Quaresma de Paula
Graduado em Geografia Bacharelado (FURG). Licenciado em Geografia pelo Claretiano. Mestre e Doutor em Geografia (UFRGS). Pós-doutorando em Geografia (PPGEO/UFPA). Bolsista CAPES/PNPD.
E-mail: cpqgeo@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade analisar o modo de vida da comunidade pesqueira de Achada Ponta, em Cabo Verde. O seu território é fruto da interação entre o território terrestre e aquático. O modo de vida demonstra uma série de características que singularizam os povos tradicionais, marcadas pelas técnicas e culturas parecidas, e o ambiente, aparentemente homogêneo, necessita de infraestruturas e equipamentos capazes de adaptar o Homem ao meio. O modo de vida dessa comunidade surgiu a partir da sua relação com o ambiente, e com a presença de fatores externos. Para a compreensão das territorialidades foram realizadas entrevistas e coletadas informações por meio da aplicação da chamada cartografia social participativa além de outras referências oriundas de trabalhos acadêmicos que utilizaram os conceitos de modo de vida e territorialidade como subsídio principal. Os resultados indicam que temos na área de estudo distintos modos de vida e territorialidades, e que eles têm na base da sua formação fatores diversos.

Palavras-chave: Território; Territorialidade; Modo de Vida; Pescadores e Pesca; Achada Ponta.

INTRODUÇÃO

A busca de argumentação teórica para melhor compreender as atividades desenvolvidas localmente, nos remeteu aos estudos de Sack (1986), La Blache (1954), Sorre (1952), entre outros que podem ser vistos ao longo deste trabalho. Este artigo tem por objetivo analisar o modo de vida e as territorialidades da comunidade pesqueira de Achada Ponta, enraizada em território próximo à beira-mar em Cabo Verde, que constitui lugar de abrigo e de trabalho, mediante determinadas condições de produção da vida e seus laços com o território, de reprodução e produção das relações sociais e de sociabilidades. Os métodos da cartografia social participativa foram utilizados como ferramenta metodológica para a compreensão das territorialidades em Achada Ponta, em que as cartas sociais ou mentais foram uma importante fonte ou base de informações, por serem representações da memória e da vivência estimulada e trabalhada estrategicamente durante o processo de mapeamento (SILVA, VERBICARO, 2016). Recorremos também aos dados secundários oriundos de trabalhos acadêmicos que utilizam os conceitos de modo de vida, território e territorialidades, procurando-se a análise em redes como ferramenta para avaliar os processos existentes.

A área de estudo – a comunidade de pescadores Achada Ponta, fica situada em Cabo Verde, país composto de um arquipélago de ilhas localizadas no oceano atlântico (figura 1). Achada Ponta é uma área dominada pela seca e com pouca diversidade vegetativa, a espécie da flora dominante é a Acácia Americana (*Prosopis Juliflora*), mas dispõe de um vale agrícola cuja produção é irregular devido ao período da seca ser maior em relação a estação úmida e não existir exploração da água subterrânea que atenda toda área de cultivo. Em Achada Ponta há uma conjugação das atividades, o pescador divide o tempo entre o mar, campo, criação de gado, comércio ambulante e extração de areia. Possui cerca de 403 habitantes, sendo majoritariamente jovens, e uma população feminina maior que a masculina.

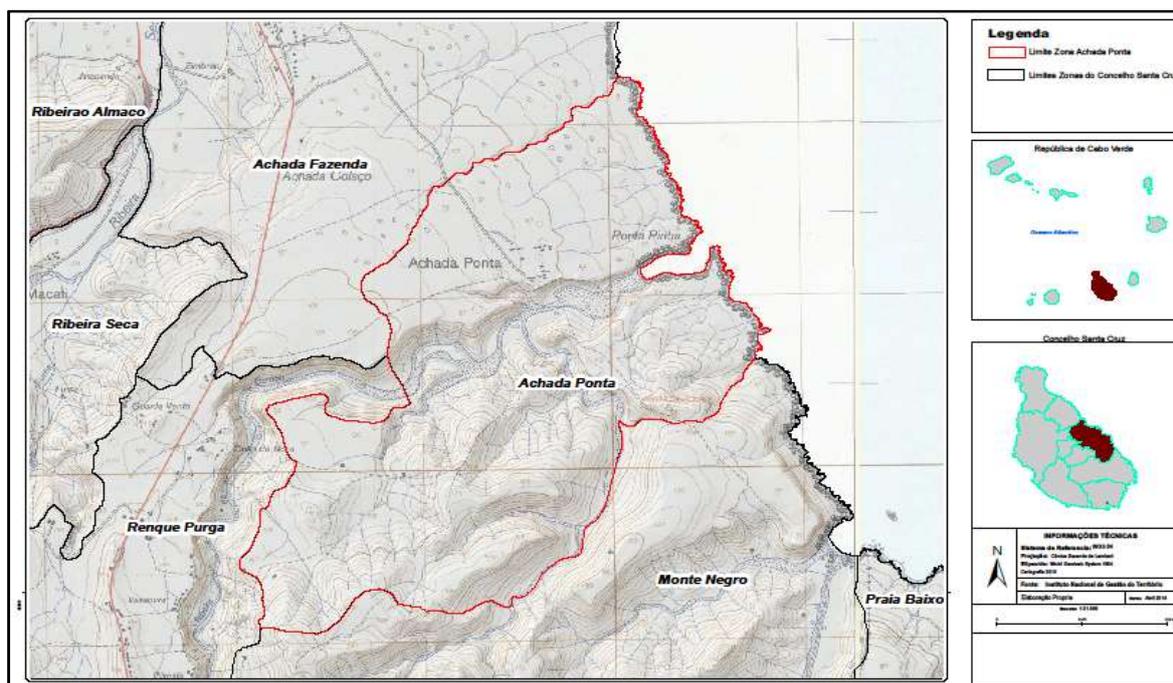


Figura 1: Localização geográfica de Achada Ponta, Cabo Verde.
Fonte: Direção Geral do Ordenamento do Território (2018).

Devido sua localização geográfica, Cabo Verde sempre foi um entreposto importante na rota de navios turísticos e de carga, oferecendo infraestrutura e serviços diversos para tripulantes e turistas que visitam o país. Em se tratando, da pesca não é diferente, pois a facilidade de acesso às águas oceânicas beneficia esse país com uma grande diversidade ictiológica, que se reflete na exportação para países europeus de várias espécies de pescado, com destaque para o atum (*Thunnus thynnus Linnaeus*) e outras espécies comercialmente conhecidas mundialmente.

O MODO DE VIDA

A concepção de “modo de vida” tem sido muito usada nas Ciências Sociais, sobretudo, com intuito de observar, analisar e interpretar as mudanças que ocorrem em determinado intervalo temporal, que refletem nas relações culturais, sociais e econômicas etc., tal como pode ser

observado nas obras de autores como: Durkheim, Weber, Wirth, Rambaudo, Lefebvre, Bourdieu, conforme cita Braga, Fiúza, & Remoaldo (2017).

La Blache (1954) e depois Silva (2006), demonstram que o modo de vida envolve um conjunto de características e traços que singularizam os atores sociais, incluindo as técnicas e os padrões culturais semelhantes em várias áreas do meio ambiente. Dentro dessas áreas podemos incluir a costa, por ser um dos espaços de atuação dos pescadores artesanais, o vale agrícola e as áreas para a pastagem, que são pontos onde esses atores geográficos desenvolvem suas atividades. Pois o ambiente, apesar de sua aparente homogeneidade, necessita de aparelhos e equipamentos que auxiliam o Homem a se adaptar ao meio, isto é, técnicas condizentes com o espaço e necessárias para a incorporação dos recursos naturais, existentes nas regiões e utilizadas pelas populações (LA BLACHE, 1954; SILVA, 2006).

Para que possa ocorrer essa adaptação, culturas e técnicas diferentes vão se unir e formar o tipo cultural dos ambientes pesqueiros. Mais uma vez a técnica e a cultura aparecem para reforçar a própria importância na consolidação da identidade e dos modos de vida de uma determinada sociedade. As duas são imprescindíveis na consolidação e materialização das atividades humanas em que a adaptação terá mais êxito se as técnicas e as culturas estiverem em sintonia, e dessa combinação, mesmo sendo diferentes vão formar o tipo cultural dessa comunidade (Achada Ponta).

Em Achada Ponta, os pescadores desempenham uma função importante nas atividades produtivas e na geração de renda, visto que se revelam importantes modeladores da configuração territorial onde o destino da produção é determinado pelas atividades desenvolvidas internamente na rede de usuários, influenciando assim a renda dessas famílias. Por meio da ocupação e implementação de suas atividades, o homem aparece como agente modificador do meio ambiente, modificando o equilíbrio natural dos geossistemas, ou sistemas ambientais (SILVA, 2008).

De acordo com Max Sorre (1952), o modo de vida é extremamente rico, por abarcar uma boa parte do espaço geográfico. O tempo aparece como elemento importante na medida em que a noção de modo de vida vai ganhando interesse geográfico, isso porque modo de vida necessita de um mínimo de duração e estabilidade, que também não o tornam algo perecível, pois o modo de vida nasce, transforma-se, expande-se, e é então, quando ele chega a este grau de maturidade, que torna possível sua caracterização, evocando assim a necessidade do caráter complementar, o da evolução. Sorre (1952) deixa uma ideia evolucionista, e à necessidade de classificar as classes sociais a partir das suas atividades. Consoante a isso, La Blache (1954) aponta que os modos de vida introduzem entre os seres humanos um novo princípio de diferenciação, princípio esse representado pelo tipo de nutrição e pelos hábitos (LA BLACHE, 1954).

O progresso humano tem vindo a influenciar de modo decisivo a cultura, os hábitos e as técnicas, contribuindo para as mudanças nos modos de vida (SORRE, 1984). Os diferentes tipos de abordagem feitos acerca do modo de vida serviram de suporte para a realização do presente trabalho. Segundo o autor,

Em vez de se definir, como no passado, em relação aos elementos do meio físico e vivo, é pertinente defini-lo em relação a um complexo geográfico, econômico e social. Ela muda de plano à medida que a atividade dos homens muda de dependência (SORRE, 1984, p. 120).

Nesse sentido, o modo de vida tem sido construído e representado sempre por uma coletividade, cuja formação envolve um conjunto de hábitos, costumes e crenças pelos quais o grupo que os praticam asseguram a sua existência e a sua continuidade (neste caso a localidade de Achada Ponta): a pesca, a caça, a colheita de frutos, a agricultura sedentária e a vida pastoril (hábitos e costumes, técnicas e cultura representados por meio de instrumentos tradicionais) são tipos de modo de vida que se integram em esquemas de vida mais complexos.

Seguindo a teoria de Sorre (1952), é possível dizer que a expressão modo de vida representa um conjunto onde se pode encontrar a presença dos elementos espirituais e materiais enraizados pela tradição, por meio das quais um grupo humano conseguiu assegurar sua existência ou permanência num determinado meio, que passa, conseqüentemente, a ser seu território. Na perspectiva do território o modo de vida é construído a partir de três elementos, sendo eles considerados como básicos: as técnicas no uso dos materiais, as organizações sociais e as ações espirituais. Dessa forma, Sorre acrescenta elementos ao que foi deixado por La Blache, mostrando que não só a técnica e a cultura estruturam o modo de vida, pois a própria organização, tanto numa escala maior ou menor, é de suma importância para fazer tal leitura (SORRE, 1952).

Contudo, Braga, Fiúza, & Remoaldo (2017), afirmam que nos estudos desse conceito é muito importante levar também em consideração algumas dimensões ao analisar o modo de vida.

Devem-se levar em conta três dimensões, que geralmente são pouco utilizadas; o sistema e os atores sociais; a história e o cotidiano; e o objetivo e o subjetivo na percepção do real. Essas três dimensões deveriam ser articuladas de modo a combinar a força da estrutura com a possibilidade de ação dos indivíduos, o nível da vida cotidiana articulado com o econômico, o político, o cultural, bem como as redes de poder estabelecidas nas articulações entre as diferentes esferas do social (BRAGA, FIÚZA, & REMOALDO, 2017, p. 371).

Segundo Silva (2006), levando em consideração a concepção de La Blache, o homem passou de determinado a possibilitado, isto é, aproveitando as oportunidades oferecidas pelo meio para se adaptar e desenvolver suas atividades, também é de realçar o papel preponderante que a

natureza tinha sobre o homem do passado, mas com o passar do tempo surgiram oportunidades, com o desenvolvimento das técnicas libertou-se pouco a pouco do processo primitivo, em que:

Modo de vida refere-se sempre à coletividade, assim podemos defini-lo como conjunto de hábitos, que serão assegurados a sua existência pelos grupos que os praticam: a pesca, a caça, a agricultura e o pastoril são formas ou modo de vida que integram uma sociedade (SILVA, 2006, p. 29).

Na leitura de Silva (2006) ficou visível que modo de vida perene não existe. Mesmo sem receber influências externas, um dado modo de vida é alterado pela invenção de novas técnicas ou por dinâmicas demográficas, podendo mudar rapidamente ou lentamente. Assim sendo Guerra (1993), mostra que o conceito e a sua evolução encontram-se perante um dilema: a análise da vida cotidiana assumiria a forma de uma mediação horizontal, específica e irredutível, contudo sofreria com as contradições sociais. Por outro lado, ainda se submete à lógica da reprodução da força de trabalho expressa pelas condições de exploração e de classe.

O MODO DE VIDA E TERRITORIALIDADES EM ACHADA PONTA

O modo de vida dos pescadores e de toda a comunidade de Achada Ponta começou a ser desenhado por volta de um século atrás, com a chegada dos primeiros ocupantes e o surgimento de interesses sobre os recursos oferecidos: mar, terrenos agrícolas, espaço para pastoreio e caça. Para conhecer melhor essa população e seus modos de vida, foi preciso a priori conhecer uma pluralidade de temas relacionados ao seu dia a dia, tais como: a sua origem, a etnia, o folclore, a religião, o gênero predominante, a paisagem, as diferentes manifestações artísticas e culturais, o emprego presente e as suas características socioeconômicas. De modo geral, o modo de vida dessa gente está relacionado intimamente à sua cultura ou à maneira como eles executam as suas atividades e aproveitam seus espaços, considerando o valor dado ao sistema de símbolos (mitos e ritos unificadores) criados por eles ou trazidos de outras regiões.

A comunidade dispõe de uma fábrica de gelo, que em tempos servia essa região, tanto fornecendo gelo com na conservação e tratamento do pescado, mas devido a falta de manutenção e a baixa produtividade do setor pesqueiro levou ao fechamento, e conseqüentemente, ao abandono, e esse centro de pesca passou a funcionar como moradia. A comunidade apresenta um grau de pobreza crítico, que piora ainda mais com a insuficiência dos serviços básicos essenciais como o saneamento e a educação, não dispõe de centro de saúde, escola degradada, refletindo de forma negativa no modo de vida. O modo de vida apresenta um conjunto de características semelhantes, mas que não são perenes, são características próprias, evolutivas e flexíveis, capaz de (re)adaptar as circunstâncias diversificadas devido a sua permeabilidade e flexibilidade, além da forma como vêm sendo desenvolvido ao longo dos tempos.

Tratando de uma comunidade pesqueira, é claro que a preocupação maior é com a captura, mas antes da desta há um conjunto de fatores que os pescadores têm em evidência, tais como, a intensidade e a direção dos ventos e da maré, a disponibilidade dos insumos e a situação do mercado. Os efeitos negativos das atividades agrícolas e a estiagem contribuem para o agravamento das condições de vida, e para suprir os efeitos da estiagem, essa gente recorre muitas vezes à extração de areia nos leitos das ribeiras ou ao longo das pequenas baías situadas na costa, a criação do gado e a venda da lenha. Assim, basicamente, o modo de vida caracteriza-se pela exploração dos recursos naturais e por ter, como marca de suas territorialidades, das relações construídas entre a terra e o mar e aquelas consolidadas a partir da relação tridimensional sociedade-espço e tempo.

Essa comunidade tem a sua origem numa miscigenação e hibridação cultural entre os negros vindo da África, colonizadores europeus e posteriormente por uma mestiçagem formada em nível nacional e localmente. Por ser uma área com muita miscigenação, tanto étnica, cultural e religiosa, é comum encontrarmos modos de vida com certos níveis de diferenciação e com muitas influências das atividades desenvolvidas em outras regiões do país.

Por ali tudo começa muito cedo, por volta de 4 horas da manhã, quando os pescadores iniciam as atividades para a pesca no mar, e ali permanecem por aproximadamente 21 horas, ou seja, a relação social pública nesse período é praticamente nula, restando apenas relações sociais fechadas entre famílias, isso pelo simples fato das famílias estarem sempre reunidas a essa hora para assistir a televisão ou contar histórias. No momento de retorno do mar são praticadas diversas atividades, como por exemplo, apanha de lenha, extração de areia, trabalho de campo, banho do mar, pesca para lazer, jogos de cartas e o futebol no final da tarde.

Mulheres, crianças e homens estão sujeitos a desempenhar a mesma função, há uma grande cooperação entre os membros da família, por causa da carência local, todos ou quase todos os membros trabalham de mãos dadas, denominando de “*djunta mó*”, até nas tarefas mais pesadas e difíceis de realizar.

Ao falar do modo de vida, é importante lembrar que no território onde ele se forma existe uma relação especial (histórica) entre o homem e a natureza, e que tudo isso vem na sequência de uma relação tridimensional, ou seja, sociedade-espço-tempo, seguindo a leitura feita por Raffestin (1993), em que as territorialidades surgem como um conjunto de hábitos, costumes e culturas que os definem. O modo de vida e as territorialidades evoluem de acordo com as atividades presentes, ditando o modelo de apropriação dessa comunidade, assim sendo, eles aparecem como produto e produtor de sua própria realidade. A sua formação e conseqüentemente o território que formou, tem as suas raízes nos fatores históricos, a presença dos recursos e a forma de apropriação do espaço e sua transformação.

Logo, o modo de vida é a dinâmica desenvolvida pelos sujeitos que agem no espaço, proporcionando as condições necessárias e essenciais para a produção do território. Geralmente, esses indivíduos têm relações estreitas com as atividades básicas de subsistência que proporcionam forte vínculo de territorialidade, a qual se efetiva nas relações sociais do cotidiano (SAQUET; SPOSITO, 2009).

A relação entre o território e a territorialidade é intensa, partindo do princípio que há uma forte ligação entre estes, sobretudo porque um é o recorte do outro, dependendo uma da ação da outra para se impor. Neste caso, quase sempre são os moradores da comunidade os próprios organizadores do seu espaço. A comunidade elabora e estrutura as suas ações a partir da extração/exploração e, conseqüentemente, do uso do território envolvente, no sentido de promover o uso racional dos recursos, para manter o equilíbrio.

Neste contexto Caetano (2005) vê o território:

(...) não apenas como um espaço econômico que introduziu na sua concepção o espaço ecológico, social e cultural, religioso, um espaço jurídico e um espaço vivido. Este espaço vivido, valorizado pelo homem, reintroduz o espaço existencial mostrando como os habitantes dão o sentido ao lugar, introduzindo-lhes valores e conotações simbólicas. Esses valores por sua vez evoluem e a redescoberta das dimensões ecológicas e da qualidade de vida territorial geram novas práticas territoriais que, por sua vez influenciam os novos modos de organização do território e da sociedade (CAETANO, 2005, p.11).

Mas no caso da área em discussão (Achada Ponta) a realidade é totalmente diferente, a organização territorial acontece de forma automática, sem um plano prévio, os pescadores, (comunidade), sem se perceberem daquilo que estão provocando, estruturam a organização dos seus espaços que também pode ser definido como pesqueiros (BEGOSSI, 2004), delimitando as áreas de atuações, quer nas pescas costeiras, como também nas práticas mais afastadas da costa. Também é importante lembrar que além das duas modalidades de pesca, há outras praticadas com o uso das técnicas mais tradicionais feitas com canas de pescas (bambu), rede de arrasto onde a presença dos mergulhadores é constante.

A combinação dos diferentes tipos de técnicas reflete a herança histórica, “as influências e as metamorfoses sofridas ao longo da cronologia”, pois as atividades realizadas na comunidade, determinam o destino da produção, aparecendo assim o território como o resultado da ação humana sobre o espaço onde se encontra inserido, podendo ser espaço usado de forma permanente ou não, ou seja, território e territorialidade acontecem com uso e ocupações diferenciadas. Território é fruto do algo provocado e territorialidade como a consequência do sucedido (RAFFESTIN, 1993). Nesta perspectiva segundo Sack, (1986) informa que:

(...) para os humanos a territorialidade é uma estratégia geográfica forte que visa controlar pessoas e objetos através de exercício de poder sobre a área. Considera os territórios políticos e a propriedade privada da terra como sendo formas mais familiares, mas a

territorialidade ocorre em vários graus e em inúmeros contextos sociais. Sendo usada nas relações do dia-a-dia e nas organizações sociais. A Territorialidade é uma expressão geográfica primária do poder social. Ela é um meio pelo qual o espaço e o tempo estão inter-relacionados. A mudança de funções da territorialidade nos ajuda a entender as relações históricas entre a sociedade, o espaço e o tempo (SACK, 1986, p. 6).

Max Sorre (1952) aproveitou da contribuição deixada por La Blache (1954), para formular a sua teoria sobre o modo de vida. Apesar de considerarmos que Sorre foi um dos autores mais influentes na caracterização do modo de vida contemporânea, observamos que até agora em Achada Ponta, devido a suas características e o modo de intervir com a natureza, e a forma como foi criado o território e as técnicas utilizadas para mantê-lo, e como as territorialidades são desenvolvidas e mantidas, nos levou a concluir que as descrições feitas por La Blache estão presentes no cotidiano local, visto que ele afirmou que o modo de vida caracteriza determinado povo tradicional, como os pescadores e os agricultores, e nessa localidade predomina as atividades derivadas do setor primário, onde se destaca as técnicas tradicionais e um elevado elo com o território.

Porém, sofrem com a presença da modernidade, o que os aproximam a uma velocidade rápida para as observações feitas por Sorre, e mais recentemente por Lima (2006) trazendo novas leituras em sua obra, em que uma delas foi mostrar que o modo de vida não pode ser generalizado assim como Sorre, (1952) e Derruau, (1976) fizeram, concordando com eles em relação ao caráter transformador que o conceito e a própria população estão sujeitas com o tempo.

Nesse sentido, o modo de vida apresenta características semelhantes àquelas descritas pelos autores já citados, elas são evolucionistas, na medida em que estão em constante evolução transformadora, são suscetíveis a alterações e mudanças por receberem influências de diversas ordens (econômicas, culturais, sociais, etc.), e estão sujeitas a determinações da nova ordem do capitalismo, marcado pelo desenvolvimento em rede. Além do que, são influenciadas pelos fatores naturais, que se encontram presentes no cotidiano de cada indivíduo. Assim, em Achada Ponta, os habitantes são majoritariamente ligados ao setor primário, pois são dependentes do ambiente a sua volta, que refletem nas características de trabalho, condições sociais e nas formas que abordam os seus espaços, a partir do uso de um conjunto de técnicas e saberes locais que auxiliam na interação territorial e seus recursos.

São povos que mesmo vivendo em um meio que sofre constantemente da influência externa - natural e social. O homem como produto e produtor da sua própria realidade, aproveita praticamente de tudo que existe na natureza, indiretamente ou diretamente. Nos territórios pesqueiros o aproveitamento dos recursos oferecidos pelo mar é de suma importância para o desenvolvimento das atividades humanas. O raio solar serve tanto para secar as roupas e a lenha

como os pescados, do solo e do subsolo só não é extraídos mariscos diversos, que são utilizados vários alimentos.

O subsolo tem um papel preponderante na exploração da água, podendo ser para o consumo (humano e animal) e para a agricultura, isso porque trata-se de um país tropical e seco, não é possível encontrar a água na superfície, a não ser na estação úmida e em uma parte da estação seca (Outubro-Novembro), em que dependendo da intensidade e quantidade da precipitação, poderá durar mais tempo na superfície, e assim contribuir para o aumento da área irrigada, trazendo mais opções de emprego em uma data em que o mar fica agitado e dificulta a pesca. O mar representa o espaço do trabalho, bem como do lazer. Na extração de areia encontram-se um número significativo de crianças e mulheres, essas são na maioria idosas. Os homens participam desta atividade mais irregularmente e em um número bem menor.

Os habitantes constroem suas territorialidades e suas identidades, acompanhando as transformações ocorridas no território que usam e interagem, e as condições oferecidas pelo meio. Sendo assim, o homem e a natureza aparecem como elementos complementares, um dá sentido a existência do outro. Consideramos que o homem nunca deixou de viver sob as influências do meio, isto é, o possibilismo nunca foi e nem será um processo absoluto, surgindo o meio como uma força viva, com movimentos próprios e regras de conexão que escapam à intervenção humana, confirmando assim aquilo que La Blache (1964) havia dito. Nas atividades humanas há uma articulação entre os conhecimentos que os homens dispõem, que são utilizados para a interação com os domínios apresentados sobre o território, articulando o domínio da terra, da água e dos fenômenos atmosféricos, prevendo e projetando as atividades, mesmo sabendo dos riscos. Essa relação “homem – meio” foi descrita por Rigonato de seguinte modo:

1-Nas relações entre o homem e o meio, o homem não é um mero elemento passivo; ele é sobretudo um agente e sua ação é tanto mais antiga quanto mais desenvolvida a técnica de que é portador. 2- Embora muitas vezes as condições naturais oferecidas sejam tão extremamente severas que o homem delas não se desembaraça inteiramente, os elementos do meio não são fatores aos quais a evolução das sociedades se submete inflexivelmente. 3- Dentre as condições oferecidas pelo meio, o homem escolhe as de maiores possibilidades para a sua sobrevivência e o seu desenvolvimento cultural; 4 - A noção de ‘meio geográfico’ não deve ser identificada (sinônimo) com ‘meio natural’: o homem transforma a superfície da Terra segundo a civilização e quanto mais evoluídas forem estas, mais importantes serão os elementos culturais que estruturam o meio; 5 - As condições históricas têm, então, um significado particular nas relações homem-meio, no seu desenvolvimento cultural e no seu papel como agente modificador da superfície da Terra (BERNADES, *apud* RIGINATO, 2014, p. 65).

O homem teve que superar a si mesmo para poder criar a própria identidade como um ser quase independente, acontecendo isso pelas técnicas inventadas. TSJI (2014) afirmou que é pelo domínio da técnica que acontece a interface entre homem-natureza, isso devido ao fato da materialização das técnicas ocorrerem na natureza sem o qual não existiria nem o homem nem as

técnicas. O modo de vida apresenta um conjunto de características que lhe atribui valores e significados, então podemos afirmar que estamos na presença de uma comunidade rica, cheia de culturas, tradições e traços que os ligam ao crescimento/desenvolvimento, e traços que fazem com que diversas temporalidades estejam presentes num mesmo espaço e que fazem parte de um todo em evolução/transformação. Mas, essa evolução, vem atrelada aos fatores históricos, culturais, condições naturais do meio, como o clima, a fauna a flora e a topografia, as análises dos elementos espirituais, mitos e lendas. Pois, como já afirmado, não apresentam modos de vida únicos (hábitos, culturas, tradições e culinária) nem são perenes, Max Sorre havia dito a respeito disso que:

(...) ela tem que dispor de um mínimo de duração, de estabilidade, mas que também não seja algo perene, pois o gênero de vida nasce, transforma-se, expande-se – e é então, quando ele chega a este grau de maturidade, que nós o caracterizamos, evocando assim a necessidade do caráter complementar, o da evolução (SORRE, 1952, p. 105).

Na área de estudo desta pesquisa, a territorialidade e o modo de vida são construídas a partir da relação entre as atividades ali desenvolvidas. A pesca, agricultura, criação-de-gado etc., são praticadas com maior regularidade, aparecendo assim como “atividades chave”, interferindo diretamente no uso dado ao território, influenciando as territorialidades e conseqüentemente o modo de vida. A produção em Achada Ponta tem sofrido influência tanto dos fatores externos, como internos, pois as atividades desenvolvidas interferem praticamente em tudo que são produzidas.

Como por exemplo, a pesca que é uma atividade muito importante para essa comunidade costeira, influenciando diretamente a economia dessa região, oferecendo alternativas de emprego para muitas famílias. O pescado além de ser comercializado também aparece como um importante componente para a alimentação da população, assim, é importante salientar a dimensão territorial da pesca para que possamos entender melhor a territorialidade e o modo de vida dessa área. Os pescadores vêm na pesca uma dimensão que ultrapassa o simples interesse econômico, para eles a pesca é uma cultura, uma arte, um modo de intervir com a natureza, o que reflete também nos modos de vida. Também pode ser uma possibilidade de inserção social, recrutando jovens e adultos em situação de risco para o setor, visto que a comunidade tem fraca vocação para comércio fixo e poucas oportunidades no setor de serviços.

La Blache (1954) apontou que no decorrer do tempo se formam domínios de civilização que absorvem os meios locais, meios de civilização que impõem uma norma geral que se imprime em muitos usos da vida. As mudanças, fruto da civilização e seu domínio, hoje são cada vez mais evidentes, principalmente devido aos avanços tidos nos processos de crescimento e desenvolvimento das comunidades, com a incorporação de elementos tanto materiais, como “os utensílios, os modos de alimentação, os objetos de luxo, os remédios, a arte de curar, são disso o

símbolo material” (LA BLACHE, 1954, p.378), como imateriais, com “leis e regras” mais sofisticadas.

Em Achada Ponta as mudanças que advêm da civilização e do progresso hoje são bem visíveis, fruto do aumento do nível de escolaridade, da melhoria da qualidade de vida, marcada pela chegada da luz elétrica, do telefone, da água canalizada e dos pequenos comércios. Esse apontamento leva ao encontro da concepção de Sorre (1984), quando ele afirmou que: o modo de vida nasce, transforma-se e se expande etc. Os pontos mencionados trouxeram um conjunto de normas culturais e simbólicas, muito dependentes do conhecimento do espaço circundante.

A forma usada para lavrar a terra, tanto do regadio como do sequeiro estão representados por uma grande tradicionalidade (que vem mudando com o tempo), apesar do cultivo de regadio estar muito influenciado pelas novas técnicas (gota-gota, uso do motor para bombear água, uso de pesticidas e máquinas para combater as pragas), muitas técnicas tradicionais ainda permanecem as mesmas apesar do tempo. Todavia, essas mudanças existem e se tornam visíveis se fizermos uma comparação daquilo que a Achada Ponta foi e no que estão se transformando hoje.

Certos problemas se fazem presentes ali, apesar de alguns progressos, pois os habitantes vêm enfrentando dificuldades diversas ao longo do tempo, com a estiagem, falta de água, iluminação de baixa qualidade, via de acesso em precário estado de conservação, escolas abandonadas ou em mau estado de conservação. O desemprego assola a todos; inexistem espaços de lazer, onde só é encontrado um campo de futebol de terra batida. Os pescadores e as vendedoras de peixe não têm como guardar os seus produtos e diminuir a probabilidade de perda dos pescados, toda a trajetória de casa até a baía é feita por um trecho em condições de risco e perigoso, construído na rocha e sem iluminação. No mar há riscos de tempestades e de serem arrastados para fora de seus territórios pesqueiros, caso haja uma mudança repentina na direção da maré, apesar disso tudo, além de problemas com a oferta de iscas e diversos outros apetrechos.

Durante as visitas do campo chegamos à analisar que, o modo de vida local se encontra vinculado também à vontade, o desejo e a consciência das pessoas que vivem ali, mas têm circunstâncias em que tudo não deixa de ser fruto do acaso, independentemente da vontade e das consciências, os indivíduos são obrigados a coordenar suas ações com as condições econômicas, culturais, sociais e naturais que o circundam. O modo de vida também está relacionado com as forças e relações de produção e trabalhos presentes no espaço, essas relações de produção dão sentido a tudo o que se faz de mais marcante em Achada Ponta.

Ao tomar conhecimento acerca dos meios de produção, das forças produtivas e das relações de trabalho, foi possível entender o processo de transformação pelo qual o *Concelho* (No sistema institucional cabo-verdiano o *Concelho* é o equivalente à estrutura de um Município, como se entende no Brasil) em si e a comunidade Achada Ponta, em particular, têm enfrentado. As novas

relações sociais que vêm surgindo têm trazido várias consequências, em muitos casos destruindo velhas relações e construindo novas, o que tem impactado diretamente a formação do modo de vida local.

O trabalho árduo marca o cotidiano local, os habitantes dessa região estão aptos a desenvolverem suas ações a qualquer momento, “dia ou noite”. Em exceção dos produtos exportados, eles são obrigados a produzirem para poderem suprir uma parte das suas necessidades e comercializar os excedentes das suas produções, para terem um certo equilíbrio em termo da alimentação e renda.

Consoante ao exposto é pertinente lembrar a ideia e contributo deixado por Neznánov (1982), ao afirmar que para existir os homens é necessário a existência de condições básicas de vida(alimentos, vestuários, habitações e outros bens materiais). Mas estes bens não são fornecidos de forma acabada pela natureza e para os obter, todos precisam realizar atividades produtivas, por exemplo, para satisfazer as suas necessidades alimentares, os homens criam gado, aram a terra, semeiam, cultivam e colhem trigo, cevada e milho. Isso significa que a força mais importante e determinante do desenvolvimento é o trabalho, a produção de bens materiais.Segundo o autor,

O trabalho consiste na base da vida social, é um exclusivo da humanidade. (...). Ao produzir os bens que lhes são necessários, os homens aprendem as leis da natureza e, armados destes conhecimentos, põem a natureza ao seu serviço, exercendo cada vez mais o seu domínio sobre ela. Ao exercer influências sobre a natureza no processo de trabalho e ao transformá-la, o homem transforma também a sua própria natureza: desenvolve as suas capacidades de trabalho, aperfeiçoa os seus conhecimentos, alarga as suas possibilidades de aplicação (NEZNÁNOV, 1982, p. 8-9).

Na busca de produção, os habitantes da comunidade Achada Ponta estabeleceram uma rede de relações, e no bojo destas ligações e relações (sociais, culturais, trabalhistas e comerciais) foi possível o contato com o seu meio, que influencia todo o processo produtivo. Essas relações entre os indivíduos, de acordo com Neznánov (1982), surgem, antes de tudo, devido aos meios de produção (...). Meios de produção estes que acabam sempre por colocar em contato todos os intervenientes do sistema produtivo tanto de modo direto, como indireto. Essas relações de trabalho e de produção têm influências diretas na formação do território e em suas territorialidades e, conseqüentemente, no modo de vida de toda região e principalmente da localidade em estudo.

O modo de vida local ganhou mais sentido/significado e conseqüentemente mais valor, em relação ao seu próprio meio, quando o território foi transformado em um “espaço seguro”, com o usufruto dos seus recursos seguindo interesses da coletividade local.Os espaços habitados foram constituídos por agentes de diferentes níveis econômicos e está claro que as condições financeiras influenciam e muito o modo como cada um cria e desenvolve as suas ações, permitindo dessa forma a estratificação e desigualdade social, que acabam refletindo no nível de escolaridade na cultura e

nos diferentes modos de relação social. Também exerce influência direta as práticas de respeito ao uso e ocupação do solo, em todas as atividades (agricultura, criação de gado, construção civil, etc). Assim, olhando a realidade por esse lado, vimos que a territorialidade neste espaço surgiu de forma diferente e cresce ganhando características e força muito opostas umas das outras e em várias ocasiões levando ao surgimento de conflitos.

Guerra (1993) mostrou que os trabalhos sobre o modo de vida dão maior importância para alguns aspectos fundamentais, de acordo com análises das relações entre as diferentes práticas cotidianas, trabalho, vida familiar, consumo e lazer, acrescentando a esses fatores as relações que o conjunto dessas práticas cotidianas estabelecem com as relações sociais mais gerais. Esses aspectos serviram de suporte para a classificação do modo de vida da comunidade, abrindo-nos caminhos para uma leitura mais minuciosa sobre a comunidade, o que foi confirmado ao longo da pesquisa.

O MAPEAMENTO PARTICIPATIVO REPRESENTANDO O MODO DE VIDA NA PESCA DE CABO VERDE

Por meio do mapeamento participativo conseguimos também dar respostas ao nosso objetivo principal, que é entender o modo de vida e as territorialidades dos habitantes da comunidade pesqueira de Achada Ponta. Sendo assim, foi elaborada a carta de uso e ocupação do solo, que mostra os tipos de uso dado ao solo; foi construída a carta de ordenamento do território, que traz a forma como os habitantes locais tem ocupado e distribuído suas atividades no território que lhes pertence. Foram mapeados também os principais pesqueiros, constituídos por pontos onde os pescadores desenvolvem as suas atividades pesqueiras, que além de informar e localizar também tem a função de reconhecer e dar visibilidade do seu uso comum do ambiente aquático, em que a participação da comunidade ou grupos sociais, em situações diversas, tem o seu território invisibilizado (ALMEIDA 2013).

Essas cartas representam as atividades desenvolvidas e o poder exercido sobre um determinado recorte territorial, tanto no meio terrestre como no aquático, no entanto o poder é consequência do exercício e do conhecimento do território (RAFFESTIN, 1993). São nesses recortes que o modo de vida se reproduz e as territorialidades vêm se materializando como algo concreto. Na carta do ordenamento territorial (figura 2) podemos ver como os equipamentos e as infraestruturas estão distribuída na comunidade estudada. Com isso, é visível notar que há falta de espaços de lazer, comércios fixos, e uma baixa cobertura da rede móvel de telecomunicação, tudo isso confirmado com a construção do mapeamento participativo.

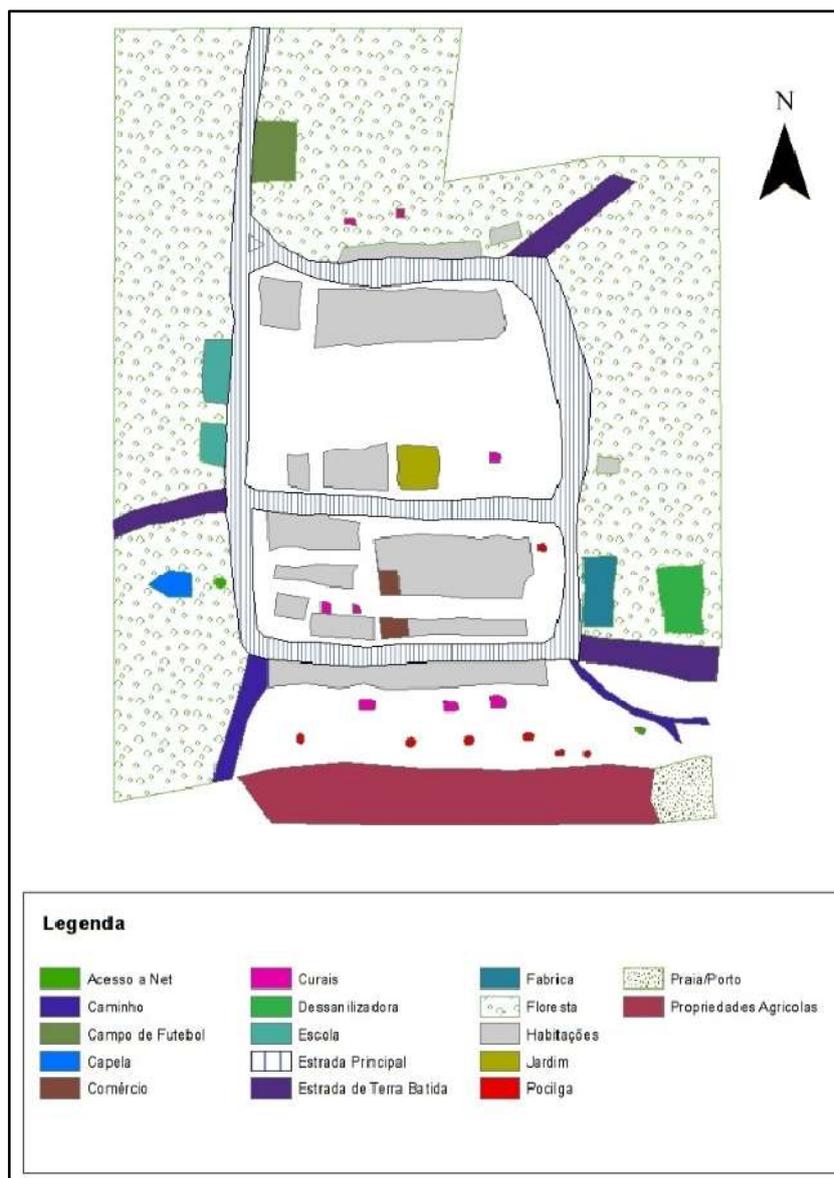


Figura 2: Mapeamento Participativo representando o ordenamento territorial em Achada Ponta.
 Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Na carta de uso e ocupação (figura 3), estão presentes as formas como os habitantes vêm apropriando o seu espaço, a partir da identificação e uso dos recursos, que refletem em diversas territorialidades.

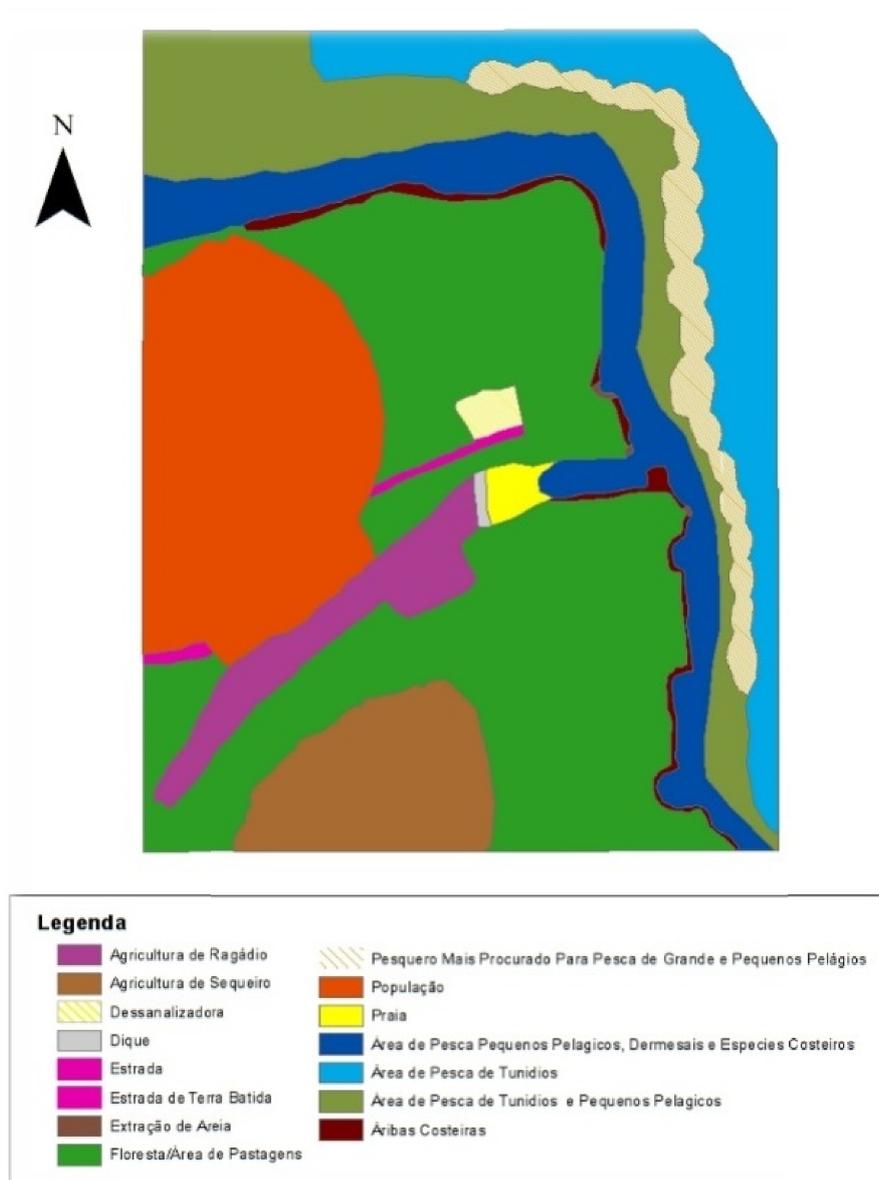


Figura 3: Usos e ocupação do território terrestre e marítimo.
Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Além das atividades de mapeamento desenvolvidas, notamos que uma parte da população não mostra muito interesse pelo que acontece no seu território, alguns preferiram consumir bebidas alcoólicas, conversar sobre outros assuntos ou realizar outras tarefas diferentes do mapeamento, ao contrário de participar de uma atividade que pode auxiliar a entender e a pensar melhor o espaço onde vivem. De outro lado, existe uma outra parcelados habitantes que querem conhecer e plotar as informações do território que vivem, contudo, ficou bem visível a passividade dos habitantes locais em ir atrás dos seus objetivos. Observamos que as atividades sem fins lucrativos não são abraçadas facilmente, há uma certa dificuldade em conseguir juntá-los para levar avante qualquer trabalho, por causa das divergências de ideias que são muitas.

Com as técnicas de mapeamento participativo e a cartografia social conseguimos identificar uma diversidade de elementos que contribuem para a formação do território, da

territorialidade e do modo de vida, além de mapear praticamente tudo aquilo que a sociedade conhecia, mapeamos possíveis áreas de conflitos, habitações dos pescadores e todas as obras construídas pelo poder público. Foi possível conhecer mais sobre os hábitos, costumes, culturas, afetividade etc., por via dessa técnica percebemos que se trata de um povo humilde, carente, curioso, mas não participativos, onde observamos várias dificuldades internas, contudo, vivenciamos também as suas virtudes. Nas conversas durante o processo de mapeamento participativo verificamos que existe um enorme vazio a ser preenchido, identificamos fraquezas do dia a dia, sonhos e projetos, revoltas com o sistema político, de forma geral, passamos a conhecer um espaço com muitas histórias e cheio de potencialidades.

Naquilo que toca aos pesqueiros, esses territórios de pesca foram enumerados um a um pelo nome comum atribuído pelos próprios pescadores, assim, demarcaram as distintas zonas de pesca (zona de pesca costeira “raso”, onde são pescados os pequenos pelágicos e as espécies nativas, zona de pesca intermediária, podendo ser pescados tanto os pequenos pelágicos como grandes pelágicos e a zona de pesca que ultrapassa as três milhas, que é a reserva da pesca dedicada à atividade tradicional).

Os pescadores fizeram o uso da memória e o conhecimento que possuem do espaço, tanto marítimo como terrestre na marcação dos territórios de pescas e dos pesqueiros, as referências dessas marcações podem se dar a partir dos seguintes elementos: uma planta de grande porte próximo às margens das praias; a localização de uma comunidade; uma montanha ou até mesmo a igreja situada em uma elevação, tal como acontece com os pescadores da baía de Achada Ponta e do Concelho em geral quando pescam nas diferentes direções, onde o monte do Pico de António e a Igreja de Renque Purga são os pontos mais utilizados como referências geográficas. A própria memória já está preparada para colocar na prática toda a experiência, um dos momentos mais importante passou pela instrução e a comunicação de forma objetiva, para despertar toda sabedoria que o pescador e o restante dos moradores possuem e ajudá-los a colocar isso na prática.

No processo da elaboração do mapeamento participativo, conhecemos algumas fragilidades no que tange à pesca. Apesar de já residirem ali há vários anos, ou de terem nascido na comunidade, o conhecimento de muitos acerca do seu território marítimo é reduzido, duvidoso ou um tanto confuso. Ao fazer uma pergunta: “sabe os nomes e as localizações dos pesqueiros?”. Muitos responderam da seguinte forma: “Na verdade esses pesqueiros existem, mas não sabemos a localização”. Ou afirmaram: “Os mais velhos sabem”, mas fazendo a mesma pergunta para os mais antigos a resposta é praticamente a mesma: “Esses nomes e essas localizações quem poderia dizer são os mais velhos”. O problema é que alguns desses veteranos indicados nas respostas já estão mortos, com isso surgiram as seguintes preocupações: Será que esses pescadores não têm conhecimentos suficientes de seus territórios de atuação ou não querem colaborar/compartilhar as

informações? Eles estão preparados para enfrentar as dificuldades do dia a dia no mar? Não será isso um dos motivos da baixa produtividade local?

A figura 4 é o resultado do mapeamento participativo, onde um dos objetivos era identificar os pesqueiros. Por intermédio dessa técnica, conhecemos mais territórios de pesca, em que ficou provado que os pescadores, ou as comunidades pesqueiras, são ricos em conhecimento e sábios em desfrutar deles, onde a cartografia social nos apresentou 15 (quinze) pontos de pesca. Sendo assim, por essa e por outras razões, essa forma de mapear auxilia o conhecimento e o entendimento da melhor maneira de se compreender a comunidade Achada Ponta, seus territórios e suas territorialidades.

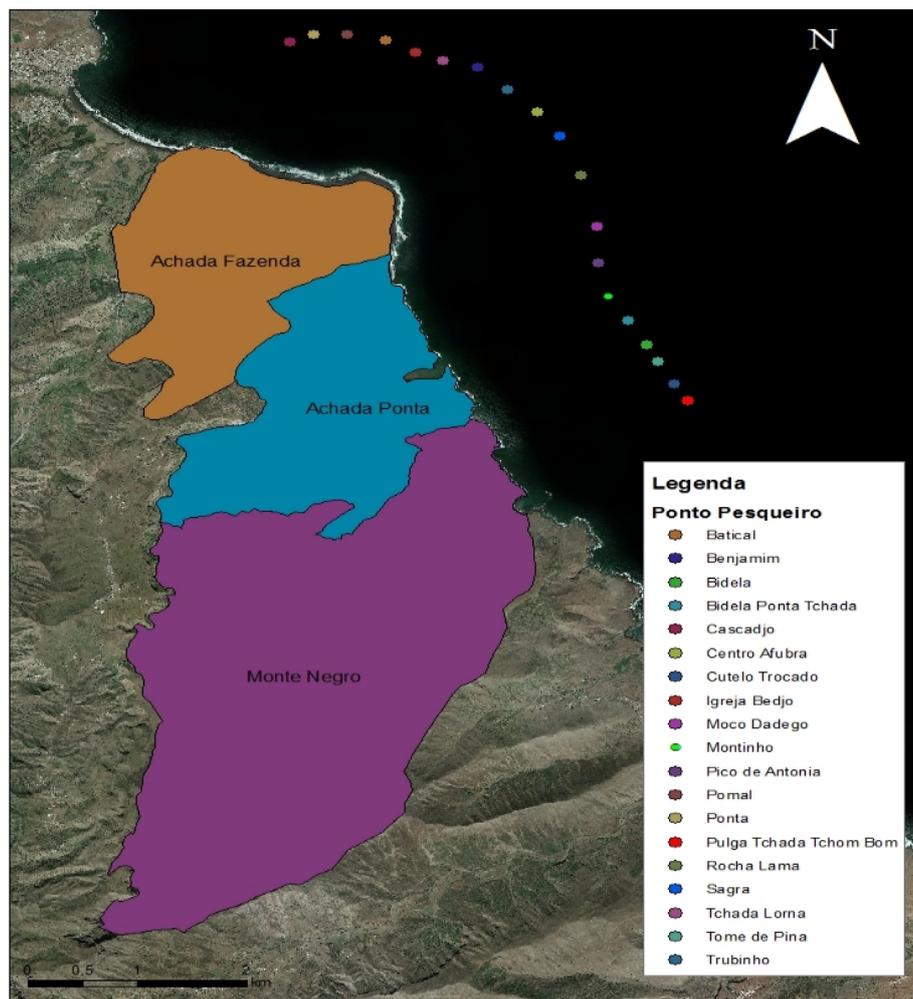


Figura 4: Território de pesca na região de Achada Ponta
Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Nesse sentido, a cartografia social nos foi de grande valia, nos levando a encontrar respostas para determinados problemas. Esses pontos de pesca são lugares onde os pescadores criam o seu território e desenvolvem as suas territorialidades. Sendo que as territorialidades vêm surgindo como a reprodução dos modos de vida da população (neste caso dos pescadores) da localidade de Achada Ponta, onde é comum encontramos técnicas, culturas e instrumentos do

passado que são frequentemente usados no dia a dia local. As técnicas utilizadas para lavrar a terra, conservar a água e cozer os alimentos, são bons exemplos disso, além disso, temos também a linguagem e a forma como eles se comportam, que são singulares em relações às outras comunidades do mesmo concelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo de vida serve de forma clara para apontar as transformações sociais e tradicionais em meio ao avanço da cultura e da economia que aconteceu/acontece em Achada Ponta. A revolução cultural, técnica, tecnológica e científica, somada ao senso comum e ao conhecimento passado de geração em geração, com um elevado cunho do saber social fruto da experiência do cotidiano, contribuíram para a melhoria da qualidade de vida e mudanças dos modos de vida, além da formação de novos modos de vida, que influenciam o aparecimento de novos e diversificados padrões sociais. A cultura popular (local) e a criação de melhorias das condições do trabalho propiciaram uma adaptação mais rápida ao ambiente, sobretudo dos que escolheram Achada Ponta para viver, isso de acordo com o grau/nível de dominação e o poder exercido sobre o espaço.

O modo de vida formado e a territorialidade, construída e vivenciada, são o resultado da interação entre os diferentes tempos (passado, presente e futuro) e culturas que se fazem presentes. O senso comum, o saber nativo e o conhecimento popular, as novas tecnologias e as facilidades dos homens em se adaptarem às novas realidades são peças fundamentais para a manutenção e formação dos territórios e dos novos modos de vida, sobretudo nas comunidades onde predominam as atividades ditas tradicionais (pesca, agricultura, criação de gado etc.).

O mapeamento participativo permitiu o aprofundamento do conhecimento a respeito de um espaço pouco estudado, considerado como mal explorado e pouco aproveitado, tanto pela própria população, quanto pelos organismos governamentais e não governamentais. A forma como o modo de vida e as territorialidades vem sendo desenvolvidas e mantidas, refletem as carências pelas quais essa gente passou. Concluímos que a vida social está assentada em técnicas, práticas e conhecimentos que os homens têm do meio onde vivem e produzem as suas relações. E que eles devem compreender o meio onde vivem para criar uma maior interação e poder desfrutar da melhor forma possível do território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. W. B. **Povos e comunidades tradicionais nova cartografia social**. Manaus, 2013. 172p.
- BEGOSSI, A. **Ecologia de pescadores da mata atlântica e da Amazônia**. FAPESP, 2004
- BRAGA, G. B., FIÚZA, A. L., & REMOALDO, P. C. O conceito de modo de vida: entre traduções, de nições e discussões. **Interface**, no 45, mai/ago 2017, pp. 370-396. Disponível em <<<http://www.scielo.br/pdf/soc/v19n45/1517-4522-soc-19-45-00370.pdf>>> Acesso 12 set. 2017.
- BURKE, P. **Cultura popular na idade média**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 472p.
- CAETANO, L. **Território e trajetória de desenvolvimento**. Coimbra: Centro de Estudo Geográfico - Faculdade de Letras de Coimbra. 2005. 234p.
- CAPEL, H. **Filosofía y ciência em la geografia contemporánea: una introducción a la Geografía**. Barcelona (ES): Barcanova, 1981. 477p.
- CHAVES, C. M. **Mapeamento participativo da pesca artesanal da baía de Guanabara. Rio de Janeiro**. 187p. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2011.
- CLAVAL, P. **La géographie culturelle**. Paris: Nathan, 1995. 384p.
- CORRÊA, R. L. A DIMENSÃO CULTURAL DO ESPAÇO: ALGUNS TEMAS. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 1, p. 1-22, ago. 2012. ISSN 2317-4161. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3479>>. Acesso em: 04 out. 2018. doi:<https://doi.org/10.12957/espacoecultura.1995.3479>.
- CORRÊA, R. B. **Do território recurso ao território abrigo: modo de vida e o processo de valorização do açaí no município de Cametá-PA**. 122p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará, 2010.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. pp. 219-237.
- DERRUAU, M. **Géographie humaine**. 5a ed. Paris: Armand Colin, 1976. 431p.
- GUEDES, E. B. **Território e Territorialidade de Pescadores nas Localidades Céu e Cajuuna Soure-PA**. 161p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- GUERRA, I. **Modos de vida: novos percursos e novos conceitos**. Sociologia - Problemas e Práticas, n. 3, pp. 59-74, 1993.
- LA BLACHE, P. V. **Principios da geografia humana**. 2.ed. Lisboa: Cosmo, 1954. 390p.
- LOTMAN, J. M. **La semiesfera: l'asimmetria e il dialogo nelle. struttura e pensante**. Venezia. 1985. 311p.
- NEZNÁNOV, V. **Vias de passagem do capitalismo ao socialismo**. Progresso, 1982. pp. 370-396.
- PAIXÃO, J. P. R. **Uso do território e genero de vida na Amazônia: reprodução camponesa e agronegocio no planalto santareno**. 135p. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia de poder**. Ed. Ática. São Paulo, 1993, 269p.
- RIGONATO, V. D. O modo de vida das populações originárias do(s) cerrado(s) baianos. **Rev. Geo. UEG – Anápolis**. v3, n2, 2014. Pp. 62-80. Disponível em <<http://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3243>> Acesso 04 out. 2018.
- ROCHA, H. Y. & NEVES, A. D. **Estratégia e plano de acção nacional para o desenvolvimento das capacidades na gestão ambiental global em Cabo Verde**. Praia, 2007. 88p. Disponível em <https://www.thegef.org/sites/default/files/nca-sa-documents/Cape_Verde_final_report.pdf> Acesso 04 out. 2018.
- SACK, R. D. **Territorialidade Humana: sua teoria e história**. Cambridge. 1986.

SILVA, C. N. **Territorialidades e modo de vida de pescadores do rio Ituquara, Breves – PA.** Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará, Belém, 2006

_____. **Ocupação Humana e Modo de Vida na Amazônia. Vivencia** (UFRN), v. I, p. 2008. Pp. 121-128.

SILVA, C. N.; VERBICARO, C. C. O mapeamento participativo como metodologia de análise do território. **Scientia Plena**. v. 12, 2016. Pp. 1 – 12. Disponível em <<https://www.scientiaplenu.org.br/sp/article/view/3140/1486>> Acesso 04 out. 2018.

SILVA, T. R. Coerências das políticas para o desenvolvimento no âmbito da pesca. SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (orgs). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2009. 368p.

SORRE, M. **Les fondements de la géographie humaine. Tome III, L’Habitat.** Paris: Librairie Armand Colin. 1952. 494p.

TSJI, T. C. **Pescadores e Cooperativas um olhar sobre pescarias e sustentabilidade.** São Luis: Edufma. 2014. 210p.

WAY OF LIFE AND TERRITORIALITIES IN THE COMMUNITY OF ACHADA PONTA - SANTA CRUZ (CAPE GREEN)

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the way of life of the fishing community of Achada Ponta, in Cape Green. Its territory is the result of the interaction between the terrestrial and aquatic territory. The way of life demonstrates a series of characteristics that distinguish traditional peoples, marked by similar techniques and cultures, and these mingly homogeneous environments, needs infrastructures and equipment capable of adapting man to the environment. The way of life of this community arose from its relation with the environment, and with the presence of external factors. For the understanding of the territorialities, interviews and information were collected through the application of the so – called participatory mapping, as well as other references from academic works that used the concepts of way of life and territoriality as the main subsidy. The results indicate that we have in the study area different ways of life and territorialities, and that they have at the base of their formation different factors.

Keyword: Territory. Participatory Mapping. Fishing. Cabo Verde.

MODO DE VIDA Y TERRITORIALIDADES EN LA COMUNIDAD DE ACHADA PONTA - SANTA CRUZ (CABO VERDE)

RESUMEN

El propósito de este artículo es analizar el modo de vida de la comunidad pesquera de Achada Ponta, en Cabo Verde. Su territorio es el resultado de la interacción entre el territorio terrestre y acuático. El modo de vida demuestra una serie de características que distinguen a los pueblos tradicionales, marcados por técnicas y culturas similares, y el entorno aparentemente homogéneo, necesita infraestructuras y equipos capaces de adaptar al hombre al medio ambiente. El modo de vida de esta comunidad surgió de su relación con el medio ambiente, y con la presencia de factores externos. Para la comprensión de las territorialidades, se recopilaron entrevistas e información a través de la aplicación de lo llamado mapeamento participativo, así como otras referencias de trabajos académicos que utilizaron los conceptos de modo de vida y territorialidad como el principal subsidio. Los resultados indican que tenemos en el área de estudio diferentes formas de vida y territorialidades, y que tienen en la base de su formación diferentes factores.

Palabra clave: Territorio. Mapeamento Participativo. Pesca. Cabo Verde.

Recebido: 02/05/2018

Aceito: 17/05/2019